



Declaração à imprensa seguida de entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o presidente da Espanha, José Luis Zapatero

Madri-Espanha, 17 de setembro de 2007

Presidente: Quero dizer ao presidente Zapatero que aqui na Espanha eu construí, no final da década de 70 e na década de 80, uma amizade muito importante com os trabalhadores espanhóis. Seja com a UGT, seja com as Comissões Obreiras. No momento em que eu estava sendo julgado pela Justiça Militar brasileira, os espanhóis estavam lá para prestar solidariedade aos trabalhadores brasileiros.

Depois, em 1989, eu aprendi uma lição aqui. Eu vim fazer uma visita à Espanha, e o nosso companheiro primeiro-ministro fez uma pergunta para mim: como é que eu iria lidar com os militares. Eu disse que eu ia democratizar as Forças Armadas. E ele perguntou como é que eu iria democratizar as Forças Armadas. Eu fiquei me perguntando por que Felipe González queria saber por que eu ia democratizar as Forças Armadas. Eu falei: eu vou começar a democratizar as Forças Armadas colocando as crianças, desde o ensino fundamental, nas escolas militares. Ele falou: “presidente Lula” – presidente não, ele me chamava de companheiro, na época – “não há tempo de você formar o seu general democrático, porque entre a escola militar e as estrelas de um general, leva aproximadamente 40 anos, e o mandato é só de 4 anos. Então, é preciso que você descubra como democratizar as Forças Armadas em 4 anos e não em 40 anos”. Eu estou contando essa história porque a grande e extraordinária lição que um político aprende na vida é a convivência democrática dentro da adversidade. Conviver com os diferentes, aceitar as idéias diferentes das pessoas e construir, através do debate político, aquilo que é possível ser feito a cada momento.



Aqui também eu aprendi que um governo não pode ter 500 prioridades. Escolha uma e realize aquela, depois escolha a segunda e realize a segunda. E foi um pouco isso que nós fizemos no Brasil. O Brasil, presidente Zapatero, era um país incrédulo, as pessoas acabavam de eleger um presidente e no dia seguinte já não estavam mais acreditando naquele presidente. Entre o ato de votar e o ato da posse, criava-se uma descrença nas pessoas. Aí era habitual as pessoas dizerem: “não, não vai dar certo, não vai dar certo porque a dívida externa é muito grande; não vai dar certo porque não vem investimento estrangeiro; não vai dar certo porque as grandes potências não vão deixar”. Era a criação sistemática de uma série de dificuldades antes de você provar que era possível fazer as coisas diferentes.

O que nós fizemos quando chegamos à Presidência da República? A primeira coisa era recuperar a auto-estima do povo brasileiro, era provar para nós mesmos que nós tínhamos condições de dar um salto de qualidade. Afinal de contas, é um país que tem um povo extraordinário, tem uma história fantástica, tem um potencial. E por que não dava certo? Não dava certo porque no Brasil as pessoas pensavam apenas na próxima eleição, as pessoas não pensavam na nação, as pessoas não pensavam nas futuras gerações.

Eu me lembro, presidente Zapatero, que quando fomos viajar para a África, que decidimos recuperar a relação do Brasil com a África, recebemos muitas críticas porque estávamos indo a lugares que não ofereciam oportunidade de investimento, de parceria, de crescimento na balança comercial. E nós viajávamos para a África, não pensando economicamente, mas pensando em recuperar um pouco da solidariedade da nossa história, porque a cara do Brasil deve muito à África. E foi a mistura de europeus, de negros e de índios, que construiu o Brasil do jeito que ele é. Com virtudes, com defeitos, mas ninguém pode negar que tem poucos povos no mundo alegres como o nosso povo, e sobretudo as empresas espanholas podem provar, tem poucos países no mundo em que se encontra trabalhadores qualificados e



dedicados como no Brasil.

Pois bem, bastou confiar no Brasil para que as coisas começassem a dar certo, fazer relação com outros povos, recuperar a nossa relação com a América do Sul. O Brasil faz fronteira, com exceção do Chile e do Equador, com todos os países da América do Sul, mas parecia que estávamos muito distantes, porque eram pobres e o Brasil não poderia fazer aliança e integração com os países mais pobres, era preciso olhar sempre para os Estados Unidos e olhar sempre para a União Européia. E quando se dizia olhar a União Européia não era olhar para a Espanha ou para Portugal, era olhar para as grandes potências da União Européia: Alemanha, França, Reino Unido. A Espanha não contava.

Pois bem, recuperamos o nosso processo de integração com a América do Sul, ainda temos muito por fazer, mas nunca estivemos tão bem como estamos hoje. Estamos agora num processo de aproximação com a América Latina porque achamos que não foi à toa que Deus fez a América Latina integrada e os homens é que a desintegraram. E vejam a importância da Espanha no Continente Latino Americano. Do México ao Chile, ou as pessoas falam espanhol ou as pessoas entendem espanhol como eu, de preferência quando se fala oportunhol. Então, nós já temos a primazia de estarmos tão próximos do ponto de vista cultural, do ponto de vista das nossas raízes. O que falta agora? O que falta é os governantes impulsionarem para que não se crie dificuldades para que essa integração se aprofunde cada vez mais.

Espanha e Brasil estão juntos numa visão de democratização das Nações Unidas. Entendem, Espanha e Brasil, que não é possível que a ONU hoje tenha a mesma estrutura que tinha há 60 anos. O mundo mudou, a geografia política do mundo mudou e é preciso que a ONU se modernize, da mesma forma que Espanha e Brasil têm a mesma visão de que é preciso um mundo comercial mais justo, de que é preciso que a Rodada de Doha concretize um acordo para se – não importa que a Espanha não ganhe e não



importa que o Brasil não ganhe – nós empatarmos, já está bem. O que importa é que o resultado desse acordo signifique um ganho para as nações mais empobrecidas do mundo.

Seria Espanha e Brasil convencerem outros países do mundo que os países que não tiveram chance no século XX obtenham essa chance no século XXI. Daí por que a minha paixão e a minha obsessão pelos biocombustíveis. Eu digo sempre que o petróleo é tão refinado que para uma empresa encontrar petróleo hoje, às vezes precisa fazer prospecção em 6 mil metros de profundidade, depois de 2 ou 3 mil metros de lâmina d'água. Para construir uma plataforma para tirar 200 mil barris de petróleo/dia é preciso um investimento de 2 bilhões de dólares, que gera 7 ou 8 mil empregos. E quantos países detêm essa tecnologia, quantos podem fazer esse investimento? Espanha tem empresas que podem fazer isso, o Brasil tem empresa que pode fazer isso, o Brasil é auto-suficiente em petróleo, mas os biocombustíveis podem ser plantados por uma pessoa que não sabe ler, que não sabe escrever, ou seja, com a sua mão ele pode plantar uma oleaginosa ou um pé de cana e colher o combustível que, na minha opinião, será inexorável nos próximos anos, a ser adotado por todos os países do mundo.

Hoje, nós temos uma divergência, de vez em quando alguém fala assim: “mas no Brasil o pessoal que trabalha cortando cana sofre muito, porque é um trabalho penoso.” É. Eu tenho certeza que um trabalhador que corta cana, se ele pudesse escolher, ele escolheria uma outra profissão, porque é um trabalho duro. Mas o que vai acontecer é que vai entrar a máquina para cortar cana e esse trabalhador vai perder o emprego. Aí aparece um outro problema para o Estado brasileiro, que vai ter que formar esse trabalhador.

Eu dizia a um jornalista do El País, no sábado: será que o corte de cana-de-açúcar é mais penoso do que trabalhar numa mina de carvão? Por quantas décadas ou por quantos séculos o carvão determinou a economia do mundo? Eu tive o prazer de descer numa mina, no estado de Santa Catarina, a 60



metros de profundidade e assistir à explosão de uma dinamite dentro da mina. Naquele tempo eu não era presidente, se eu fosse minha segurança não deixaria eu descer. Eu vivi uma visita ao inferno, porque não pode ter nada mais perigoso e nada mais horroroso do que ver uma dinamite explodir a 60 metros de profundidade e ver a fumaça tomar conta daquele buraco.

Mas em compensação, o preconceito que se cria de que vamos ocupar a área de alimentos, também não é verdadeiro. O mundo tem 800 milhões de seres humanos que passam fome, que não plantam cana, não produzem álcool e nem produzem biodiesel. O problema do alimento no mundo hoje não é falta de alimento, é falta de renda para comprar o alimento. Os avanços da biotecnologia no mundo permitem que nós plantemos cada vez mais numa área cada vez menor, e que colhamos por hectare cada vez mais do que no ano anterior.

Nós sabemos que o mal que a poluição do Planeta está causando não vai escolher país desenvolvido, país subdesenvolvido e país pobre. Se o aquecimento global, que já é detectado por todos os cientistas do mundo, for verdadeiro como dizem, nós corremos mais risco do que imaginamos. Portanto, está nas nossas mãos a possibilidade de salvar o mal que nós mesmos fizemos.

Vamos ter que discutir um novo padrão de desenvolvimento para a humanidade? Vamos. Vamos ter que discutir um novo padrão de consumo? Vamos, porque ricos e pobres estão correndo o mesmo risco, reis e súditos estão correndo o mesmo risco, presidentes e eleitores estão correndo o mesmo risco. Ora, nesse momento não existe nenhuma outra coisa que possa significar seqüestro de carbono e menos emissão de gás efeito estufa do que os biocombustíveis. Por isso, sabiamente a Europa já aprovou a introdução de 10% de combustível renovável no combustível fóssil até 2020. E o mundo inteiro vai caminhar para isso.

Essa é uma polêmica que obriga Espanha e Brasil a estarem juntos



outra vez, não para produzir biocombustível, porque cada um tem que saber o tamanho e a particularidade do seu território. Mas estaremos juntos para fazer parceria com terceiros países, para produzir em países que precisam da nossa ajuda. Seria tão bom se Espanha e Brasil pudessem construir uma planta de biodiesel ou de etanol num país africano. Iríamos gerar empregos, e com emprego essas pessoas iriam poder comprar alimentos até importados da Espanha ou quem sabe até importados do Brasil. O dado concreto é que nós precisamos dar sinais vigorosos de que nós vamos discutir a questão climática com a seriedade que precisa ser discutida.

O Protocolo de Quioto está assinado por todas as nações. Não adianta o presidente dos Estados Unidos se recusar, em algum momento ele vai ter que assumir a responsabilidade, como terá que assumir a responsabilidade qualquer um outro. O padrão de desenvolvimento da China tem que ser discutido, da Índia, do Brasil. Ou nós criamos nossos próprios padrões ou nós seremos responsáveis pelo desastre que causarmos ao planeta Terra.

Nessas e outras coisas, eu tenho a convicção de que Espanha e Brasil pensam iguais, irão trabalhar juntos nos fóruns multilaterais porque nós, antes de qualquer outra coisa, queremos oferecer à humanidade uma nova proposta de desenvolvimento, em que os lucros dos empresários estejam garantidos, os salários dos trabalhadores estejam garantidos, mas que a preservação do meio ambiente também esteja garantida. Afinal de contas, nós não queremos andar com máscara de oxigênio na rua, nós queremos andar como estamos agora, tranquilos, respirando um ar puro e saudável.

Meu querido presidente Zapatero, eu além da relação pessoal que tenho com o presidente, além da relação histórica que o meu partido tem com o PSOE, além da realização que eu tenho com o movimento sindical, além do respeito e amizade que aprendi a adquirir pelos empresários espanhóis que investem no Brasil, já estive com quase todos eles nos bons e nos maus momentos, em momentos de crise e em momentos de euforia, sempre com a



mesma crença no Brasil. Nunca nenhum empresário me procurou no gabinete para dizer que iria diminuir um centavo no seu investimento, pelo contrário. Todos eles diziam para mim que, independentemente de qualquer coisa, eles continuariam apostando no Brasil. Nos depoimentos que eu ouvi hoje aqui, quero dizer para vocês que eu viajei o mundo durante muito tempo e toda vez que eu ia debater com empresários eram cobranças e mais cobranças. Assistir o que eu assisti hoje, aqui, o reconhecimento dos empresários que estão bem-sucedidos no Brasil, o apoio que o governo da Espanha dá para que eles continuem investindo no Brasil, o início de empresários brasileiros investindo na Espanha, me faz crer que poucos presidentes tiveram o privilégio de ouvir as palavras de elogio ao seu país que eu ouvi hoje aqui.

Eu espero que o Brasil e o meu governo continuem fazendo as coisas certas porque nós sabemos que quando nós acertamos, ganhamos todos. Quando nós erramos, quem perde é o povo mais pobre do nosso País. A Espanha já conheceu momentos de euforia séculos atrás, depois conheceu momentos de depressão, e hoje a Espanha vive um momento nobre. Quem andou no trem que eu andei até Toledo, quem andou na carreteira que eu andei, sabe que a Espanha passa por um processo extraordinário, e eu sei que isso também se deve à seriedade com que o meu amigo Zapatero governa este país, e eu espero que a Espanha continue crescendo, espero que a Espanha continue acertando, porque quando tudo estiver dando mais certo na Espanha, mais certeza eu tenho de que mais espanhóis irão visitar o Brasil como turista, irão fazer investimentos no Brasil e irão ajudar o Brasil a ganhar dinheiro e a Espanha a ganhar dinheiro, para melhorar a vida do povo espanhol e do povo brasileiro.

Mais uma vez, de coração, muito obrigado, espero que a gente continue fazendo mais pela Espanha e pelo Brasil.

Jornalista: (inaudível)



Presidente: Bem, o presidente do Santander não está mais aqui, mas eu penso que a resposta que ele deu na sua fala é a resposta que eu poderia dar ao jornalista Clóvis Rossi. A verdade é que eu estou convencido, e não costumo trabalhar com medo premeditado, ninguém me assusta na véspera. Portanto, eu não tenho nenhum medo e tenho muita certeza de que essa crise não irá afetar o Brasil, exatamente porque nós nos preparamos, porque fomos vítimas da crise russa, fomos vítimas da crise asiática, e não queremos ser vítimas de uma crise em que os Estados Unidos têm que resolver o seu problema.

O Brasil não comprou os títulos imobiliários americanos, portanto, eu vou encontrar com meu amigo Bush agora, no dia 24, e vou dizer: Bush, resolva o problema da crise, porque nós não deixaremos ela atravessar o Atlântico e chegar ao território brasileiro. Estou convencido, Clóvis, de que o Brasil tem sustentabilidade macroeconômica para enfrentar essa crise. Por isso, a minha tranquilidade.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Olha, eu estarei presente na Cimeira Ibero-Americana no Chile. Acho que América do Sul e América Latina vivem um momento excepcional. Nós ainda temos todos os problemas que tínhamos há 10, 15 anos, mas aí é importante que se acompanhe a evolução política na América Latina e na América do Sul. E as divergências que nós temos no nosso Continente, são divergências naturais de países em construção, inclusive de construção da própria democracia.

O Brasil tem relação extraordinária com todos os países. Tem gente que achava que nós deveríamos brigar com a Bolívia por conta do problema do gás, e nós achávamos que a Bolívia tinha direito de querer nacionalizar o seu gás. Tem gente que acha que nós precisamos brigar com o Chávez. Eu quero



mais é trazer o Chávez para o Mercosul e falta só o Congresso Nacional aprovar para que ele possa entrar no Mercosul. E as divergências que tivermos, nós vamos acertando.

Eu fico imaginando que dúvida que a gente pode ter se em 2010 vamos ter o Parlamento do Mercosul pela primeira vez eleito pelo voto direto. É um sonho antigo. Obviamente que isso não vai resolver todos os problemas. Agora, muito mais difícil do que nós nos acertarmos na América do Sul, era a divergência que parecia que não tinha solução entre França e Alemanha. Entretanto, a União Européia construiu uma unidade a peso de 50 anos de trabalho. Nós não precisamos de 50 anos, acho que nós já aprendemos com o que aconteceu no mundo e eu estou convencido de que nós precisamos trabalhar cada vez mais forte para fazer a integração da América do Sul. Integrando a América do Sul, conseqüentemente nós vamos integrar a América Latina e aí vamos precisar outra vez da Espanha, vamos precisar outra vez dos empresários espanhóis para contribuírem conosco nos investimentos em obras e infra-estrutura, que são o suporte para a integração. Portanto, estarei no Chile para discutir esses e outros problemas com os nossos companheiros que participarão da Cimeira.

Jornalista: Presidente Lula, a pergunta é sobre investimentos no Brasil. A gente já ouviu aqui de alguns empresários que o Brasil vai acabar se beneficiando dessa crise financeira por atrair investimentos em economia real, ou seja, de infra-estrutura. Mas para isso precisa ser mais ousado e atacar a burocracia. A gente ouviu de algumas pessoas: “não é só a reforma tributária, que a gente sabe que está sendo negociada no governo, mas as dificuldades de abrir empresa, de contratar pessoal, a falta de marcos regulatórios em algumas áreas”. Eu queria saber o que o governo pretende fazer, se vai federar projetos nessa área para desburocratizar?



Presidente: Os investimentos diretos que entraram no Brasil, nesses primeiros sete meses, foram da ordem de 33 bilhões de dólares. Nós levávamos 5 anos para que entrassem 30 bilhões. Entraram, em 7 meses, 33 bilhões de dólares, o que é uma soma invejável. Ao mesmo tempo, a quantidade de empresas que entra no Brasil demonstra que o Brasil tem, possivelmente, as mesmas exigências que qualquer país com marcos regulatórios feitos pelo Congresso Nacional. Mesmo assim, se alguma empresa tiver problema de entrar no Brasil por excesso burocrático, tem um caminho: procurar o governo para o governo tentar resolver esse problema. Eu acho que se a gente analisar a quantidade de empresas estrangeiras que tem no Brasil hoje, a gente vai perceber que, certamente, tem países que criam ainda mais embaraços do que o Brasil. Se qualquer pessoa analisar o que nós desmontamos de burocracia nesses últimos quatro anos, é uma coisa invejável, e fizemos isso em parceria com o Congresso Nacional, fizemos isso por reivindicação dos empresários, fizemos isso por necessidade de modernizar a economia brasileira, e vamos continuar fazendo. Vamos continuar fazendo porque nós queremos tornar o Brasil um país atrativo para a entrada de capital estrangeiro mas, sobretudo, um país que atraia investimentos no setor produtivo para gerar empregos e a riqueza que nós precisamos.